



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas. C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma Gerasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machad.; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Bismarck* (*René Maizeroy*), por D. Guiomar Torrezão;—*Cantares* (*De Ortega Morejón*), por Casimiro Dantas;—*O Camarada*, conto (conclusão), por Edmundo de Amicis;—*Nos Espacos*, versos, por Carlos Sertorio;—*O primeiro sermão*, conto, por José Maria da Costa;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*passatempos*);—*A vir*;—*Um conselho por semana*;—*D. Beatriz de Portugal* (continuação), por Alberto Pimentel.

GRAVURAS:—*Eugenio Labiche*;—*Henry de Péne*;—*Malhilde*, polka, por E. Salarich;—*Modas*;—*Fernando Castivo*;—*Execução do imperador Maximiliano e dos generaes Méjia e Miramon*.

CHRONICA

Ora até que enfim, —louvado Deus!— não oiço pelas ruas d'esta cidade burgueza a guizalhada dos polychinellos e das azemolas dos trens de praça. Foi-se o entrudo, foi-se a praga do carnaval — uma peste.

Já a gente pode andar por ahi, sem que tope a cada canto, nas vitrines do Mattos Moreira e suspensa á porta da mais réles tabacaria, com essa miseria de cartão pintado, a que se dá o nome de mascara.



EUGENIO LABICHE

A mascara!

Bem dizem os theologos que o inventor d'ella foi o *Demonio*, pae da mentira. O anjo das trevas mascarouse a primeira vez de serpente, no paraizo terreal, e desde então, a Natureza tem sido para elle um immenso vestuario, que usa como lhe apraz, quando quer tentar o homem.

Se passarmos a vista atravez os seculos, havemos de ver que, segundo os *in folio* escriptos pelos casuistas, o espirito infernal recorria a todos os disfarces possiveis e imaginaveis para intrigar a humanidade.

Umaz vezes adoptava as mais estranhas formas para induzir os monges e os cenobitas ao peccado; outras, introduzia-se no corpo de velhas feiticeiras, que se disfarçavam em D. Juan Tenorio ou em Lovelace, para seduzir donzellas timidas e castas; outras ainda, batia mysteriosamente á porta d'um alchymista, que passava as noites em claro á procura do ouro, e offerecia-lhe o seu auxilio e o seu valor.

Hoje, succede o mesmo. Mobilisado, aereo, impalpavel, o Diabo não deixa de disfarçar-se nunca. E se pensam que o nosso actual ministro da fazenda é o sr. Marianno de Carvalho, estão enganados: é o Diabo, disfarçado em conselheiro da corôa e em amigo do rei.

Os doutores, os theologos e os casuistas declararam a mascara uma coisa pagã, heretica, diabolica, lançando contra ella as leis civis e as excomunhões da Igreja. Fizeram elles muitissimo bem. Arreliado estou eu porque Satan da Fazenda não fez cair sobre as mascaras todo o pezo da lei das licenças, e o sr. arcebispo de Larrissa não as fulminou com um anathema nas suas circulares, para desespero do sr. Beirão, que teima em andar todo o anno disfarçado com um nariz que não é seu, com um nariz carnavalesco, improprio da alta gravidade de ministro. Toda a gente pinta a justiça cega; mas, que nós saibamos, nunca ninguem a pintou nariguda.

Todas estas considerações fôram suscitadas pelo horror que nos inspira o carnaval e pelo prazer que nos causou ouvir, na quarta feira de Cinza, depois das bachanaes das ruas e dos bailes da Trindade, o terrivel «*Memento homo quia pulvis es...*» «Lembra te, governo, de que has de ser opposição», segundo a formula do sr. Antonio Ennes, no *Da*, que sae á noite.

Por mais que me digam que o carnaval se civilisou, eu detesto-o. Tambem ahi se apregôa que a sociedade está civilisada, e os homens publicos todos os dias arremessam lama e vasa á cara uns dos outros. E' mister uma grande desgraça, é preciso que Fontes caia, fulminado pela morte, ou que Pinheiro Chagas tombe, prostrado pelo *casse-tête* d'um sicario, para que então se faça justiça e a lama se converta em flores.

Houve este anno flores em vez de tremoços, no estrudo das ruas? Nem por isso o estrudo me seduzio mais. Nas petalas das rosas e das camelias, arremessadas em rija batalha sobre as alças da Avenida, ia a ostentação vaidosa da alta finança brazonada, que hontem se injuriava e amanhã ha de voltar a injuriar-se mais ferozmente ainda.

D'essa mesma campanha de flores, a que a *réclame* parvoinha deu proporções phantasticas, sahiu já um conflicto mal dissimulado, entre a moderna nobreza de sangue vermelho, que batalhou, e a nobreza antiga de sangue azul, que não quiz democratisar-se entrando na liça.

Devemos educar o carnaval no gesto moderno, dizem! Eduquemos primeiro a sociedade, esta sociedade ridicula, que bem atrazada anda. Façamos isso, e deixemos tudo o mais.

A França, em educação, leva a palma ao mundo inteiro; niaguem o contesta. Pois querem saber o que um

chronista do *Gaulois*, Louis de Meurville, escreveu ha seis dias, a proposito do carnaval de Paris? Isto:

«Os Parisienses, a quem Henri Heine chamava *les comédiens ordinaires du Bon Dieu*, supprimiram o carnaval tradicional, pela excellente razão de que nada o distinguia do resto do anno. O carnaval politico, o carnaval mundano, o carnaval da sociedade onde a gente se diverte, existe sempre em Paris para a metade do genero humano, e embora esta louca existencia tenha recebido, da guerra e do *krach*, douches refrigerantes, ha entre nós um numero sufficiente de estouvados, para fazerem da nossa capital um vasto Charenton europeu.»

Por cá, succede outro tanto. O carnaval politico e o carnaval mundano existem sempre. Pode pois muito bem supprimir-se o outro, o tradicional. Que mais faz afivelar um pedaço de cartão ao rosto, do que andar de cara descoberta? Que mais vale batalhar com flores, ou com immundicies e improprios?

Não precisava o sr. conde de Burnay, disfarçado em gondoleiro, *bianco vestito*, passeiar pelas ruas da cidade, na terça feira gorda, a sua gondola azul e doirada, tomando-lhe o timão enfeitado de rosas e manjando-o ao sabor da sua fanthasia, como piloto audaz, nas bochechas do governo.

Todos sabem, mesmo sem a allegoria do barco tirado a quatro soltas, que s. ex.^a é o *deus ex machina* d'estes reinos, o timoneiro d'este paiz offenbachiano. Para arreliar o sr. Marianno de Carvalho, não era necessario atirar-lhe, da gondola, raminhos de flores; bastava atirar-lhe picuinhas, do *Jornal do Commerci*. E se o fizesse, não apanharia aquellas grossas batezas d'agua com que o Padre Eterno, a regos do sr. ministro da fazenda, por pirraça, lhe ensopou a *capa rica* da rua dos Fanqueiros.

Mas deixemos em paz o carnaval, que se foi, e anunciemos á leitora a visita das andorinhas, que chegaram.

—Com este frio?!

Com este frio, sim. A despeito das impertinencias do nordeste, as graciosas e delicadas mensageiras da primavera que renasce, já foram vistas em Lamego e Elvas.

Que demonio de terras ellas foram escolher para quarteis de verão! Elvas e Lamego! A patria da azeitona e dos bons presuntos nacionaes!

Despoetisaram-se, estas avesitas gentis do Parnaso!

Outra boa nova, e esta, com que rematamos a nossa chronica, vae por certo encher de jubilos sinceros a grande alma do paiz.

Aos primeiros clarões ainda indecisos da primavera que se avisinha, o espirito lucidissimo e gentil de Pinheiro Chagas, ha poucos dias quasi paralyzado e morto, começa de novo a brilhar, a viver para a luz que o abandonára subitamente.

Não podia Deus permittir que um athleta d'aquella pujança cahisse de vez nas trevas do tumulo ou nas trevas ainda mais tristes da inconsciencia. Em tal caso —perdoe se-nos a blasphemia—Deus seria uma mentira.

E a proposito de Chagas, do nosso querido doente: Tudo n'este mundo tem o seu lado bom: até a adversidade.

Foi necessario que uma enorme desgraça fulminasse o grande parlamentar e o grande jornalista, para se desfazer a lenda das ganancias dos salgados do Algarve e do caminho de ferro d'Ambaca, com que a politica virulenta malsinava a dignidade inconcussa do ex-ministro regenerador.

Quando Chagas agonisava, arrancando lagrimas á alma do paiz inteiro, reconheceu-se—e honroso reconhecimento esse—que na sua casa modesta da rua de

S. Joaquim não havia senão uns tristes sete mil réis! São os próprios adversarios quem o affirmam hoje. Mas foi preciso que a fatalidade prostrasse o inimigo de hontem.

Sete mil réis!! Que honrada pobreza!...

SANTILHANA.

BISMARCK

(René Maizeroy)

... Alludindo-se, no fim do jantar, a esse discurso, simultaneamente rude, chocarreiro e grandioso, que o chanceller de ferro acaba de pronunciar no Reichstag e que vibrou de um a outro extremo da Europa, enchendo de amargura os corações onde pulsa ainda a nostalgia das glórias extinctas, a esperança das represalias futuras, o commandante Réalmont exclamou com a sua voz trovejante:

— Odeio os allemães, não tenho senão um ideal n'este mundo, o de massacrar-os, o de pagar-lhes com usura todo o mal que elles nos fizeram, o de ensinar-lhes, a golpes de sabre, que uma nação, como a nossa grande e gloriosa França, tem a vida dura e o acordar ruidoso. Odeio-os com um odio illogico, absoluto, tenaz, porque absorveram os nossos milhões, porque roubaram Strasburgo e Metz, porque possuem, encerradas nos seus arsenaes de Berlim, bandeiras tricolores esfarrapadas, gotejantes de sangue, bordadas de nomes victoriosos.

Mas confesso que esse colosso, que se chama Bismarck, inspira-me uma admiração profunda, invejo o povo dirigido por essas mãos de forte, conduzido por um homem duplamente vigoroso, pelo corpo e pela intelligencia, e soffro pensando que só possuímos para affrontar-lhe a superioridade, politiquieiros, *fantoches* e utopistas.

No dia em que o vi pela vez primeira, estremeci, como no começo de um duelo, ao cruzar das espadas, quando se ergue ante os nossos olhos uma visão estranha.

O principe é muito alto, poderia ter servido outr'ora entre os granadeiros escolhidos pelo rei Frederico.

Macisso, pezado, sem nenhuma distincção original, o aspecto imperioso, o olhar agudo, cravando-se no nosso como a lamina de uma faca, e parecendo colher de prompto o fio dos nossos mais secretos pensamentos, Bismarck tem a poderosa musculatura de um d'esses batalhadores feudaes que devastavam as cidades e as aldeias, combatendo sem treguas contra o inimigo nos degraus de Brandeburgo, arrastando em seu seguimento hordas de soldados, sedentos de carnificina, consante a energica phrase d'Agrippa d'Aubigné.

A inflexivel vontade ante a qual todas as outras se curvam, affirma-se na perpetua contracção das espessas sobranceiras, na prega desdenhosa da boca, coberta pelos bigodes grisalhos talhados em escova. Todo o seu passado, toda a sua existencia de trabalho orientada para um fim supremo, leem-se-lhe nas feições modeladas como que por um polegar gigantesco sobre um bloco de terra vermelha.

Não raro, transluz-lhe na physionomia a augusta serenidade dos Cesares que passaram atravez de arcos triumphaes, que atingiram o apogeu e encolheram os hombros olhando para o céu; outras vezes, reflecte nos seus gestos, na fixidez pensativa das suas pupilas um pouco apagadas pelo tempo, nas suas innumeras rugas, uma vaga apprehensão, como que o receio dos fantasticos caprichos do destino, que, á semelhança de tantos outros imperios desmoronados, póde, de um momento para o outro, destruir a sua obra, minando-lhe os frageis alicerces e metamorphoseando a Allemanha em um amalgama de principados de operetta, de reinos burlescos, de grãos ducados fantasistas, povoados de bebedores de cerveja e de adoradores das loiras Gretchen...

Entre os seus numerosos retratos, o mais parecido é aquelle que o apresenta embrulhado em um capote de oleado, de chapéu desabado, rodeado de dois enormes dogues d'Ulm, como um fidalgo rural, atravessando o seu parque. Ha uma estranha afinidade entre a mascara aggressiva do homem e os focinhos dos cães.

Bismarck não sabe sorrir. Tem sempre desprezado a mulher e ignorado o amor. Os perfidos embustes que desorientam os mais fortes, as sabias tentativas que desvairam, os jubilos ineffaveis e os supremos martyrios d'aquelles que procuram a eterna chimera, não penetraram nunca a rija armadura que envolve o seu coração. E' um implacavel que não tem confiança senão em si proprio, que destróe qualquer obstaculo que lhe difficulta o caminho e que vive pssuido pelas theorias de Darwin. E' possivel que Bismarck acredite em alguma cousa, que murmure, por

vezes, versiculos de psalmos, que venere o Deus biblico dos combates, cujo nome resoa na maioria dos seus discursos. E' de suppor, porém, que o principe não professe senão a religião do commando e da cazerna, demasiado autoritaria para poder ser mystica.

Bismarck desdenha as enfermidades, bebe pouco, fuma do manhã até á noute no seu grosso cachimbo de porcelana, e caça ainda hoje nos pinhaes, nas tristes charnecas onde seus avós, pobres e humildes castellães, matavam o tempo conforme podiam.

O chanceller não é nem um sensual, nem um artista, nem um erudito. Disse um dia que o allemão nascen com uma tunica e que não pensa senão em engrandecer a despotica influencia do seu paiz, em triplicar os armamentos, em assestar contra a Europa espingardas novas e canhões mortiferos. Para que serve proteger as lettras, animar ociosos que se nutrem de chimeras, que nem mesmo serviriam para cabos de esquadra, abrir creditos a pintores, esculptores, musicos, desde o momento em que se precisa organizar regimentos, construir fortes, montar baterias?

Bismarck não descança e até á sua ulla hora, no leito onde tantos rostos ancioso, espiarão, a sua agonia, as suas derradeiras palavras, dictára ordens, lerá relatorios vindos dos quatro cantos da Europa, pensará no futuro d'essa Allemanha que construiu com as suas mãos, que resuscitou do tumulto gothico onde ella apodrecia.

O principe veste supersticiosamente o seu uniforme de cou-raceiro branco, quando tem de pronunciar um discurso no Reichstag ou de figurar junto do soberano, em uma festa official.

Falla do seu logar, como os outros deputados, com o tronco pendido para a frente, as mãos quasi sempre cruzadas atraz das costas e os hombros agitados de imperceptiveis oscillações. E' sobrio de gestos. Voz de velho, nem clara, nem quente, nem vibrante, enchendo mal a sala, onde os deputados o escutam em um silencio quasi religioso, animando-se raras vezes. No principio do discurso, o principe tateia o terreno, esboça as phrases com difficuldade, recomeça-as, repete-as, como um estudante falho de memoria, que recita a custo a sua lição. Em seguida, o discurso corre monotono, cortado de espessos gracejos, de bruscas suspensões, de enumerações interminaveis, que ninguem tem a cusadia de interromper.

Nascido no dia immediato ao da derrota, quando o seu paiz era um simples e insignificante borrão no mappa da Europa, sangrando ainda dos revezes de Sena e d'Auerstaedt, o chanceller sugou no leite nutritivo o odio dos vencedores que tinham humilhado e aniquilado a Prussia. Foi creado entre a fermentação de surdos rancores, de tristes recordações, perpetuamente evocadas, e se essa lembrança lhe acudiu ha dias, no meio de aclamações entusiasticas, que immensa alegria deveria dilatar o seu coração, que inebriante orgulho affluiria ao seu poderoso cerebro, no momento em que, altivamente desdenhoso, arrojava o seu desafio á Russia e á França, exclamando:

«Nós, os allemães, não receamos senão Deus; aquelles que atacarem o nosso imperio terão de affrontar milhões de soldados unidos no mesmo odio, na mesma crença!»

GUOMAR TORREZÃO.

CANTARES

(Do Ortega Morcjon)

I

Se a mulher sempre conhece
Quando um homem bem lhe quer,
Ou tu não me olhaste nunca,
Ou então, não és mulher.

II

Para verdades, o tempo:
P'ra justiça, Deus do Ceu;
Tu, para seres ingrata;
Para adorar-te, só eu.

III

As penas que se não contam,
São as que ferem mais fundo.
Onde o rio não murmura,
E' onde elle é mais profundo.

IV

Na branca areia da praia
Teu nome um dia tracei;
O mar levou-m'o cem vezes,
Cem vezes lá o gravei.

V

O pranto do mar coalha
Em per'las todos os dias.
Se os meus prantos coalhassem,
Que bello collar farias!

CASIMIRO DANTAS.

O CAMARADA

(CONCLUSÃO)

Regressar a casa! Depois de tantos annos, de tantos perigos, de ter tantas vezes, de noite, no campo, quando soam as notas longas e melancolicas do *silencio*, e dentro das tendas se vão apagando as luzes, e em toda aquella cidade movediça de lona, pouco tempo antes tão animada e alegre, se espalha uma quietação profunda; de ter tantas vezes, n'esses momentos de cruciante tristeza, pendido a cabeça sobre as mãos, a pensar em sua mãe, e perguntado a si proprio:—O que estará ella agora a fazer, coitada?—regressar a casa! Depois de ter ouvido tantas vezes, ao cahir da noite, no acampamento, aqui e além, nos ajuntamentos dos camponeses, soar aquelles conhecidos refréns campezinos, os mesmos que lá se cantavam, em casa, no verão, quando se velava na eira, à luz formosissima da lua, e no meio de tantas vozes de amigos e de parentes se ouvia uma distincta, clara, argentina, trémula, que sabia tão bem o caminho do coração; depois de ter tantas vezes abençoado aquella musica que lhe chegava aos ouvidos como uma saudação da mãe ausente... voltar! Voltar sem ser esperado. Tornar a ver aquelles campos, aquelles casaes, reconhecer de longe o seu telhado, estugar o passo, chegar finalmente, cheio de commoção, à sua querida porta e ver deante de si a irmãitã que já está mulher, o irmão mais pequeno entrado agora na adolescencia; aos gritos que estes soltam acudirem os outros, lançar-se no meio d'elles, depois desprender-se de todos, correr para casa, chamar pela sua velha mãe, vel-a vir-lhe ao encontro, de braços abertos e os olhos cheios de lagrimas, atirar-se-lhe ao pescoço, sentir-se apertado nos seus caros braços e experimentar então, n'aquelle momento, todas as mais santas alegrias da humanidade, são coisas cuja idéa basta para adoçar qualquer amargura, para sarar qualquer ferida.

Não obstante, ao bom do rapaz confrangia-se-lhe a alma com a lembrança de ter de separar-se do seu tenente. Depois, um soldado que tem commoção, não se desapossa do grosseiro capote que por tantos annos lhe serviu de cobertor ou de travesseiro, e que tanto trabalho lhe custou de escova, agulha e sabão, sem sentir um forte abalo intimo, uma vaga inquietação dolorosa, como quando nos apartamos de um amigo de quem recebemos um agravo, e com o qual nos desejaríamos mostrar severos, mas que, no fim de contas, não podemos deixar de estimar verdadeiramente.

Aquelles bolsos de dentro, onde na cadeia se escondia o cachimbo quando de repente apparecia o official de ronda, a todo o momento, por distracção, e em quanto se não perder o habito, hão de procurar-se ainda com as mãos... E que pena quando se não encontrarem!

O sympathico official, esse andava pensativo, e não tinha acrescentado uma palavra ás fórmulas do costume. Do mesmo modo o soldado. Os seus olhares, porém, encontravam-se mais frequentes e demorados, e pareciam querer dizer:—custa-te, bem sei.

O soldado fazia tudo mais vagarosamente, para se demorar mais tempo no quarto, e compensar-se, n'aquelles ultimos dias, da separação que estava imminente.

A principio procedia com alguma lentidão; depois com lentidão claramente estudada; por ultimo já fingia que limpava o pó das mesas e das cadeiras; e as mais das vezes, mergulhado nos seus tristes pensamentos, agitava à toa o panno sem tocar sequer na mobilia.

Entretanto o official, direito e immovel, com as mãos debaixo dos braços, deante do espelho, que reflectia a imagem do seu camarada, ia-lhe seguindo attentamente os passos, o jogo da physionomia, e evitava-lhe os olhares, levantando de repente a vista para o tecto com ar distraído.

—Posso retirar-me, meu tenente?

—Podes, sim.

E o soldado ia-se embora.

Não tinha ainda descido dois degraus, e já de dentro do quarto se ouvia:

—Olha cá

E elle voltava a traz.

—Manda mais alguma coisa?

—Nada. Queria-te dizer... nada, nada; fica para amanhã; podes ir.

Tinha-o chamado talvez apenas para o ver, e depois de elle partir de novo, ficava por algum tempo com os olhos fixos no limiar da porta, por onde sahira.

Chegou, a final, o dia da partida. O official estava no quarto, sentado a mesa, em frente da porta entre-aberta. D'alli por meia hora devia o soldado vir despedir-se d'elle para partir.

O tenente fumava, soprando para cima as nuvens de fumo, e acompanhando distrahidamente com a vista as espiraes da sua lenta viagem, até que se desfazião no ar.

O fumo que lhe passava por deante dos olhos tornava os lagrimosos e elle enxugava-os de espaço a espaço com as costas da mão, maravilhando-se de que as lagrimas lhe corressem pela cara abaixo tão grossas, a ponto de parecer que chorava.

Attribuia a causa ao fumo, queria illudir-se a respeito da sua commoção, dissimular-a a si proprio, lançar á conta do charuto o que só pertencia ao coração. E pensava:

—... Ora... isto era de esperar. Para que me hei de alligir?!... Então não sabia eu, quando o tomei ao meu serviço, que não podia ficar com elle eternamente? Não estava farto de saber que o tempo de serviço é de cinco annos? E que este homem tem uma casa, uma familia, onde nasceu e cresceu, da qual se afastou com dolorosa magua, e para onde volta agora cheio de prazer? Queria eu talvez que elle continuasse n'esta vida, só pelos meus lindos olhos?... Não estava mau egoismo... E d'ahi quem sabe? Que laço de gratidão o prende a mim? Que favores lhe fiz eu? Que obrigações me deve?... Oh! muitas, de certo. Nunca de mim recebeu senão maus modos. Tratei-o sempre com este maldito ar de pae tyranno... E depois este meu temperamento... que lhe hei de eu fazer!... Acabou-se... Se eu não sei dizer as coisas d'outra maneira! Mas realmente não é assim... a gente deve sempre fazer por se tornar agradável... por mostrar boa cara!... Agora... elleahi vae. Volta para casa, a trabalhar nos seus campos, a proseguir no seu antigo modo de vida; pouco a pouco irá perdendo os habitos militares, esquecer-se-ha de tudo... do seu regimento, dos seus camaradas, do seu official. Embora; o que eu quero é que elle seja feliz. Mas poderei eu esquecer-o?... Ha de passar muito tempo, primeiro que me possa habituar a ver uma cara nova; primeiro que deixe de me parecer que o vejo deante mim, pela manhã, ao despertar, todo entregue ás suas obrigações, n'um canto do quarto, muito socegado, quasi sem se mover e sem respirar, com medo de me acordar antes da hora indicada. Quantas vezes não chamarei eu por elle, assim que acordar? Tantos annos de convivencia, de dedicação sincera, de serviço affectuoso... e vel-o agora ausentar-se... assim de um dia para o outro... Mas então?... Todos estamos sujeitos a isto; que se lhe ha de fazer! Que remedio tenho eu senão resignar-me!... Que bom rapaz! Que coração aquelle! Se ás vezes, quando iamos em marcha, eu me detinha um momento, extenuado de fadiga, queimado do sol, suffocado pela poeira, e relanceava os olhos em torno de mim, como a procurar uma pinga d'agua, apparecia-me de repente um cantil e logo uma voz me soava aos ouvidos:

—Quer beber, meu tenente?

Era elle. Sabira ás escondidas da fileira, e fôra a correr buscar-me agua... bem longe talvez, sabe Deus aonde;—e n'um abrir e fechar d'olhos estava de volta, offegante, banhado em suor, a cahir de fraqueza, e collocando-se atraz de mim, esperava que eu manifestasse o desejo de beber. No campo, se acontecia eu adormecer á sombra de uma arvore, e passado algum tempo começava o sol a dar-me na cara, um braço pressuroso erguia ao meu lado uns ramalhos, ou estendia uma manta, ou punha umas sobre as outras tres ou quatro mochilas, ou deitava um capote por sobre um feixe d'armas, e já o sol me não incommodava. Que mão invisivel era aquella? A sua, sempre a sua. Apenas chegavamos ao acampamento depois de seis, sete, oito horas de marcha, tão depressa as barracas estivessem armadas, elle desaparecia; e ahí começava eu a procural-o, a chamal-o em altas vozes pelo campo, e a zangar-me:—Aonde iria elle! Vão lá saber onde se metteu! Ora vejam que cabeça aquella! Se isto é coisa que se faça! Deixa estar que, quando vieres, eu te arranjaréil...—e por aqui fôra no mesmo tom.

D'alli a um momento via-o chegar de longe, a vergar debaixo do peso d'um enorme molho de palha, caminhando com passo incerto, a cambalear, resmungando á direita e á esquerda contra os que lhe queriam roubar uma mão cheia, tropeçando nas cordas das barracas, saltando sebes e vallados, pisando as mochilas e camisas estendidas ao sol, encalhando nos soldados que dormiam pelo chão, e attrahindo sobre si uma tempestade de injurias e de pragas. Chegava finalmente ao pé de mim, lançava por terra a palha, soltava um grande suspiro, limpava o suor da testa e dizia com voz timida:

—Tardei muito, sr. tenente, não é verdade? Então que quer? Tive que ir tão longe!...

Estendia a palha por sobre a erva, no comprimento d'uma pessoa; amontoava a de um lado, e metta-lhe por d-baixo a sua mochilla para servir de travesseiro, e depois, voltando-se para mim:

—Estará assim bem, meu tenente?...

—Bom rapaz, pensava eu, fui injusto contigo; e depois, vae, vae descansar, que precisas!

—Mas acha que está bem assim?—insistia elle;—se não achas, vou procurar mais.



HENRY DE PÉNE

—Está bem; vae descansar, anda; não percas mais tempo.

E em marcha, de noite, se o somno se apoderava de mim e eu caminhava, como costuma succeder, vacillando, e fazendo ss de um lado para o outro da estrada, e me approximava demasiado de um vallado, uma mão ligeira pousava-me no braço, e arredava me lentamente para o meio do caminho, ao mesmo tempo que uma voz submissa e tímida murmurava:

—Cuidado, sr. tenente—está ahí um vallado!

Sempre! . . . Mas o que fiz eu a este homem para que me cerque de cuidados e de affectos como se fosse sua mãe? O que encontro elle em mim ou quem sou eu, para que se obstine em amarme com tanta virtude, com tamanha devoção? Que merecimentos tenho eu a seus olhos, que parece que não vive senão para mim, e que seria capaz de dar por mim a vida?

Porque motivo, e em que maneira este pobre rapaz, de principios rudés, com as mãos callejadas pela enxata, com os membros endurecidos pelos incommodos e pelas fadigas, sem cultura, sem educação, nascido e creado em um casebre da aldeia, alheio completamente a todos os costumes da vida civilisada, se tornou carinhoso e delicado como uma donzella, suspendendo a respiração para me não accordar, pegando-me levemente da manga para me afastar do perigo, apresentando-me uma carta nas pontas dos dedos como se temesse profanal-a, e dando-se por satisfeito e pago de tudo com um sorriso que eu lhe dê, com uma boa palavra que eu diga, com um gesto, com um olhar meu onde elle leia:

—Como estás tu? . . .

Como se entende isto? Ah! E' preciso confessar que o coração humano sente debaixo d'esta farda palpitações novas, desconhecidas de quem não é ou nunca foi soldado.

O mundo, em geral, não suppõe em nós outros sentimentos além dos que se desencadeiam na alma nos campos de batalha. Na verdade, conhecem-nos bem pouco. Não sabem que na profusão das armas o coração não só nunca envelhece, mas até rejuvenesce, e se reabre aos mais delicadss affectos dos primeiros annos, e que por elles vive e se exalta muito mais do que pela embriaguez terrível e tempestuosa da guerra. . . Oh! quem não fôr soldado não poderá avaliar o affecto que me liga a este rapaz! E' impossivel! Para isso é preciso ter passado muitas noites no acampamento, ter feito muitas marchas no mez de julho, ter estado muitas vezes nos postos avançados, debaixo de uma chuva torrencial, haver soffrido fome e sede a ponto de perder os sentidos, e ter encontrado sempre ao seu lado um amigo que lhe lançava aos hombros o seu capote para o abrigar do frio, que lhe enxugava a roupa, que lhe estancava a sede, que lhe offerencia um pedaço de pão, privando-se d'elle, para lh'o dar. Creado! Servo! E' haver quem assim chame a um homem d'estes! (exclamava fazendo um gesto de raiva e de indignação) é uma infamia! Sim. . . porque quando este homem se perfila ahí deante de mim, e me fixa com o seu olhar cheio de humildade tímida e affectuosa, conheço que tão respeitoso é o signal que lhe faço para que abaixe a mão, como o acto que elle pratica levantando-a. . . E este homem abandona-me,—deixa-me só,—parte,—nunca mais o verei! Mas não! Eu irei ter com elle. Hei de procural-o, quando tiver a baixa. O nome da terra sei eu, pergunto pelo da freguezia, onde tem os seus bens. . . e corro até lá, surprehendo-o a trabalhar nos campos, chamo-o pelo nome. . . —Então já não conheces o teu official?—Que vejo! O meu tenente! . . . O senhor aqui!—exclamará o pobre homem cheio de commoção. —Sim, sim! tinha necessidade de te ver! Anda cá, meu caro e bom soldado, vá, abraça-me!

N'este ponto ouviu uns passos leves, vagarosos e incertos, como de quem sobe hesitando e procura achar a porta.

Applica o ouvido sem voltar a cabeça; os passos aproximam-se; sente apertar-se-lhe o coração; volta se,—eil-o,—é elle,—é o soldado.

Trazia o rosto conturbado e os olhos vermelhos; fez a continencia, deu dois passos á frente, e ficou a olhar para o official.

Este tinha a cabeça voltada para o lado opposto.

—Senhor tenente, vou partir.

—Até á vista—respondeu este mordendo os beiços, e continuando a olhar para outra parte.—Até mais ver. . . Boa viagem. . . Vai para a tua casa. . . trabalhar. . . continuar a ser bom filho. . . como tens sido até aqui e. . . até um dia.

—Senhor tenente!—exclamou o soldado, com voz trémula, dando um passo para elle.

—Vae, vae. . . olha não passe a hora; vae; já é tarde; avia-te.

E estendeu-lhe a mão, que o soldado apertou com força.

—Boa viagem. . . e lembra-te de mim, ouviste? Lembra-te de vez em quando do teu official.

O bom do rapaz queria responder, tentou pronunciar uma palavra, mas sabiu lhe um gemido; apertou de novo aquella mão, voltou se, olhou para a porta, depois fixou mais uma vez o official, que continuava a ter a cabeça voltada para o outro lado, deu ainda um passo para a frente. . . —Ah! senhor tenente!—exclamou entre soluços, e desapareceu.

O outro, ficando só, relanceou a vista pelo quarto, depois permitiu-se por algum tempo com os olhos fixos no limiar da porta, e por ultimo fincou os cotovellos sobre a mesa, apoiou a cabeça nas mãos, formaram-se-lhe duas grandes lagrimas no concavo dos olhos, luziram lá dentro por instantes, e deslizaram-lhe pelas faces, rapidamente, como se receiassem ser vistas. Enxugou-as com

a mão, olhou para o charuto, estava apagado. Ah! d'esta vez eram lagrimas, realmente. Reclinou a fronte sobre um braço, e deixou-as correr todas á vontade, que bem carecia de o fazer.

EDMUNDO DE AMICIS.

NOS ESPAÇOS . . .

A SERGIO DE CASTRO

No cumo d'esse altissimo rochedo,
Que o triste som do mundo ainda ignora,
Eu te fui adorar, (quem não te adora?)
O' ceu azul. . . Em bando ameno e ledo

Os seus cantos te erguiam de folgado
As meigas aves com sua voz canora. . .
E eu vi em pleno idyllio Estrella e Aurora
E as nuvens, (não sei lá qual o segredo

D'aquella paz?) beijavam-se passando. . .
E eu perguntei ás nuvens e ao bando
Alpestre que voava:—A flicidade

Que tendes, onde está? Quem vol a deu?—
E as aves responderam:—«Olha o ceu!
Quem nol-a deu? Foi isto: a liberdade!»—

1888.

CARLOS SERTORI.

O PRIMEIRO SERMÃO

Na igreja, ia esse borborinho característico saído da multidão que encha pouco a pouco um templo. O arrastar de sedas pretas e no ar um leve e penetrante perfume de veloutine. A luz coada difficilmente pelas ogivas, ao cair da tarde, esbatendo-se em uma nuance de ouro pallido e rosa, sobre os altares, onde os cirios direitos e brancos ardem em pequeninas chammas, semelhando malmequeres, d'entre os quaes se destacam as cabeças eternamente pensativas dos santos, coroadas de nimbo de prata resplandecente.

Por entre as filas dos devotos, o sacristão solemne, na sua opa vermelha, com o accendedor na mão, fazendo ranger as suas botas novas, muito lustrosas.

As meninas cochichando, sorrindo, agitando os livros de capas de marfim, encantadoras sob os seus veos negros de renda, postos como mantilhas e presos com pregos de aljófar, sobre os cabellos.

Os rapazes, namoradores, inquietos, de fato preto e flôr na botoeira, soberbamente penteados, derriçando descaradamente. Por detraz d'elles, os velhos, graves, de lenço vermelho e gestos largos, falando das ultimas noticias de venda, recebidas de manhã pelo paquete, e dos ultimos acontecimentos politicos, sentindo a patria em perigo, o que os não impedira de acompanhar a familia ao sermão da primeira sexta feira de quaresma na igreja de S. José, como era de antigo uso na pequena cidade de Ponta Delgada.

Demais a mais, o prégador era um filho da terra, recém-chegado do continente, onde se ordenara. Era um joven de muito talento, dizia-se. E nas ilhas, onde a fé ainda vale alguma coisa, um sermão n'estas condições é um acontecimento tão ruidoso, como em Lisboa uma *première* em D. Maria.

De subito faz-se um grande rumor no corpo da igreja, e o sacerdote apparece no pulpito. Todos os olhos femininos se fixam n'elle com essa intelligencia de observação que é o segredo das mulheres.

Elle é joven e insinuante. E' formoso e effeminado. O ideal do padre moderno. Tem a uncção d'um lazarista, o chic francez. A sua cara extremamente oval e pallida, o nariz correcto, os labios finos onde brinca um sorriso angelico, a testa larga e alta, os olhos pretos e brilhantes. Sobre-lhe o busto desempenado, uma samarra de seda preta nova, que torna ao mesmo tempo severo e esbelto o seu talhe flexivel e faz sobresair as suas mãos brancas e compridas.

Persigna-se solememente, e firmando os punhos na borda do pulpito, corre os olhos vagarosamente pela multidão, como um doutor da alma que desejasse descer ás profundezas mysteriosas de todos aquelles corações. E subitamente, exclama com intimitiva:

Tempo de POLKA

Introdução

rall.

CODA

CODA

D.C. §

MATHILDE

POLKA, POR E. SALARICH

—Qual d'entre vós é que peccou?

Um calafrio percorre o auditorio; faz-se um silencio sepulchral.

E o prégador responde immediatamente á sua propria interrogação:

—Dizei: fomos todos!

E depois de um minuto de pausa, continua:

—Em verdade vos digo que, se vindes aqui contrictos e arrependidos em busca da palavra sagrada, sois os escolhidos do Senhor; se, porém, não deixastes lá fóra as vossas fraquezas e ambições, os vossos odios e vícios, as durezas de coração e as ostentações da vaidade, saí, saí depressa, porque para vós não pode haver misericórdia!

E a sua palavra ardente, retumba pelas naves que o crepusculo tem invadido de uma tristeza de sombras.

E voltando-se subitamente para o altar mór, onde um Senhor dos Passos ajoelha, mortificado sob o peso esmagador de uma enorme cruz, exclama:

—São duras estas palavras, meu Deus! bem o sei. E vós, que tanto soffreste perdoando sempre, perdoando até á ultima gotta do vosso precioso sangue, não approvareis de certo tanto rigor da parte do vosso mais humilde e obscuro ministro; mas eu vejo (e volta-se com ira para o auditorio) que dezoito seculos de catholicismo não vos fizeram melhores do que os vossos antepassados pagãos. Dizei-me, senhores: porque não banistes da face da terra a crueldade e a injustiça? Porque existem ainda as desigualdades sociaes, os extremamente pobres e os exiremamente ricos? Porque a terra, mãe commum, não é partilha de todos? Porque ha mortos de fome e mortos de frio? Porque ha ainda nos codigos a pena de morte, e na diplomacia a guerra? Porque a sêde de ouro, origem de toda a regressão moral, desvaira as sociedades cultas e envenena as fontes da philosophia christã? Porque ao amor altruista e á caridade fraterna, os dois pólos de todo o equilibrio moral, se substitue por toda a parte o grosseiro materialismo que conduz á anarchia dos espiritos?...

E o joven sacerdote, depois de ter descripto, n'um quadro tenebroso, a sociedade moderna, appellou para o coração das mulheres, acabando com uma peroração que foi um grito:

—Oh! doces mães de familia! salvae a sociedade pelo imperio do amor, da instrucção e da caridade, que só vós podeis dar a vossos filhos. Jesus Christo, apesar de Deus, quiz ter uma mãe que fosse um modelo de amor. Toda a sociedade humana se resume na harmonia d'estas palavras divinas: mãe e amor!

E o joven sacerdote desceu do pulpito em meio da commoção geral. As mulheres, surprehendidas, abaladas no seu nervosismo feminino, criticavam com uma grande volubilidade de phrases. Tinham comprehendido tudo. Aquelle rapaz tonsurado não era um padre, era um amante, um apaixonado. Pela bocca d'elle cantavam hymnos d'amor os ideaes enamorados. Sentia-se, na sua voz meiga e quente, o carinho de beijos do lar conjugal idealizado em longas e torturantes noites de seminario. Oh! como elle devia ter soffrido, o infeliz!

E as mulheres, no seu instincto, exclamavam:

—Coitadô!

E as jovens enamoradas, murmuravam com compaixão:

—Como elle deve sentir!

E o joven padre tomou, aos olhos do mundo feminino, poeticas proporções.

Subitamente, todo o mulberio estacou, hirto de espanto. Uma joven formosissima acabava de desmaiar. Acudiram-lhe e levaram-na para a sacristia. O prégador ainda lá se achava e correu em seu auxilio.

Quando a joven senhora voltou a si, fitou-o, e um sorriso ineffavel lhe errou nos labios. Operou-se a reacção, os seus olhos animaram-se, voltou a côr ás faces; e sem reflectir, agarrou a mão do padre e apertou-a com força, exclamando:

—Ah! Jorge! o sr. foi cruel. O seu sermão fez-me muito mal!

O manzebo, assustado e prudente, como um sacerdote que se préza, murmurou-lhe rapidamente ao ouvido:

—Olhe que nos observam!

A esplendida menina relanceou o olhar em volta, e parecendo ter então a consciencia do que se passava, poz-se de pé para disfarçar. Felizmente para ella, uma velha tia, que a acompanhava, era surda como um desembargador; mas os circumstantes é que o não eram, e commentavam em voz baixa o caso.

O padre sentiu a necessidade de se retirar e despediu-se da joven.

Ella então perguntou-lhe, envolvendo-o no seu olhar radioso:

—Aonde confessa?

—N'esta egreja, minha senhora.

—Oh! E dar-me-ha a honra de me ouvir de confissão, amanhã?

—Estou ás ordens de vossencia, respondeu elle friamente, mas a sua mão, apertando energicamente a da elegante menina, dizia o contrario.

O incidente espalhou-se rapido, e toda a gente ficou sabendo a que attribuir a desusada eloquencia dos sermões do padresinho.

—Não ha nada como o amor! Bem dizia elle! explicava ironicamente toda a malta invejosa dos outros padres.

E a elegante Emilia, a joven e unica filha da baroneza de *** , pela qual o Jorge se apaixonara, quando ainda estudante, devorando a affronta de lhe ser recusada a sua mão, por serem os barões immensamente ricos e elle immensamente pobre, teve o prazer de reconhecer, depois de chegar do continente e de prégar o seu primeiro sermão, que ella não se esquecera d'elle, que o amava ainda.

E aquellas duas almas apaixonadas principiaram um idyllio estranho, espiritual, entre ambos. Elle renunciou a todas as honras e a todas as ambições para não se affastar da ilha; e ella renunciou ao casamento. E depois de lhe morrerem os paes e herdar uma grande fortuna, como não podia seguir os conselhos do primeiro sermão de Jorge, quanto á missão de mãe de familia, em virtude da sua inabalavel resolução, tem-os seguido á risca, quanto ao exercicio de uma inexgotavel caridade.

Em volta d'ella não ha pobres, e as creancinhas abandonadas erguem para a illustre senhora os seus sorrisos frescos e puros como o orvalho da manhã.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

AS NOSSAS GRAVURAS

EUGENIO LABICHE

Noticiaram ha dias os jornaes a morte d'este illustre escriptor dramatico francez.

O fecundo e distincto homem de letras nascera em Paris, em 1813. Depois de ter feito os seus primeiros estudos no collegio Bourbon, seguiu o curso de direito, que teve de abandonar, para se consagrar á vida litteraria.

Primeiramente escreveu em varios jornaes, e logo depois publicou um romance: *La Clef des champs*.

Por occasião da estreia do actor Grassot, escreveu a sua primeira peça: *M. de Coyslin ou l'Homme infiniment poli*, de collaboração com Maré Michel e Lefranc.

Desde então, caminhou de successo em successo. A sua bagagem theatral compõe-se de cem peças, pelo menos, entre as quaes citaremos — por mais conhecidas — *Um chapéu de palha de Italia*, *O mais feliz dos tres* e os *Trinta milhões do gladiador*.

Labiche era official da Legião de Honra, e occupava ha oito annos, na Academia franceza, o *fautouil* vago por morte de Saint René Taillandier.

A sua morte foi produzida por uma lesão cardiaca, de que soffria ha quatro annos. Até aos ultimos momentos, Labiche conservou-se no pleno uso de todas as suas faculdades.

Póde dizer-se que o brilhante escriptor dramatico teve a satisfação de vér em vida começar para elle a posteridade. Diante da sua obra consideravel, immensa, o publico, a critica e os collegas curvaram-se reverentes.

Labiche tinha uma imaginação prodigiosa, uma observação profunda, um espirito fino, comico, imprevisto, uma originalidade encantadora.

Depois de Molière, não houve outro auctor de tanta força comica como elle.

Emilie Augier chamou-lhe o grande mestre da gargalhada. Labiche viveu rico, feliz, alegre, cercado da estima de todos e da affeição dos seus. Sobre tudo, viveu sempre alegre, até que a doença o prostrou, doença originada por um desgosto profundo, o unico que teve, talvez.

Na intimidade, a sua conversação lembrava os dialogos das suas peças: tinha a mesma alegria, a mesma phantasia, o mesmo tom jovial.

O finado escriptor abandonara o theatro ha dez annos.

As suas obras theatraes, que, como já dissemos, são numerosas, foram colligidas em volume por Emilio Augier.

Alguns traços mais, a proposito do brilhante auctor dramatico:

Perguntando-lhe Abraham Dreyfus qual o processo seguido por Labiche na composição das suas peças, o espirituoso escriptor respondeu na seguinte carta:

«Cada qual segue a sua inspiração e o seu temperamento. Uns cantam a nota alegre, outros folgam em provocar as lagrimas. Quanto a mim, eis o que faço:

Sempre que não tenho idéas, rão as unhas e invoco a Providencia. Quando me occorre uma idéa, continuo a invocar a Providencia, mas com menos fervor, porque me convenco de que posso dispensar o seu auxilio. E logo que a idéa surge, pégo em uma mão de papel branco, papel de linho,—não adianto nada se escolher outro—e escrevo na primeira pagina:

PLANO

Isto é, esboço as scenas, desde a primeira até á ultima. Emquanto não se obtiver o fim da peça, não se encontrará nem o principio, nem o meio. Este trabalho é, evidentemente, o mais laborioso: é a criação.

Concluido o meu plano, recomeço. examino as scenas, des-venho os caracteres, amplio a acção. Uma peça é um animal de mil patas, que deve caminhar sempre.

Se se demorar, o publico boceja; se parar, assobia.

Para escrever uma peça alegre, é mister possuir um bom estomago.

E. Labiche.»

Alguem perguntava um dia a Labiche qual era o mais feliz dos quarenta academicos.

—E' o nosso secretario, o Camillo Doucet, porque ao passo que nós somos simples *immortals*, elle é *perpetuo*.

N'uma das ultimas eleições academicas, Labiche votára n'um candidato, que não fôra eleito.

D'ali a tempo, o mesmo candidato apresenta-se outra vez. Labiche vota contra.

—Como! perguntam-lhe, então o senhor não votou n'elle?

—Não! Da primeira vez elle disse-me que se não ficasse eleito, morria. Dei a elle o meu voto. Elle faltou á sua palavra; eu fiquei desligado da minha.

HENRY DE PÉNE

Falleceu no dia 26 de janeiro, em Paris, o illustre jornalista Henry de Péne, director do *Gaulois*.

O finado soffria ha oito annos de uma doença de figado, que o forçava a um regimen rigoroso e a guardar o leito muitas vezes por largos periodos, durante o inverno. Apesar d'isso, não abandonava nunca os trabalhos jornalisticos, demorando se habitualmente na redacção do seu jornal, até altas horas da noite.

Em principio de novembro, os seus padecimentos aggravaram se. Henry de Péne começou então a trabalhar menos, e o pouco que escrevia era sempre em casa.

Um dia appareceu-lhe um tumor no peito. O dr. Guérin fez-lhe a operação, mas a chaga não poude fechar-se. Este novo mal, junto a um ataque de rheumatismo articular, que sobreveiu, aggravou-lhe a doença que já soffria e apressou a sua morte.

O illustre jornalista trabalhava, apesar de doente, n'um romance, *Les demis Crimes*, que estava quasi concluido e que devia ser publicado na *Revista dos Dois Mundos*.

Henry de Péne tinha 57 annos de idade, e era jornalista desde 1848, tendo feito parte da redacção de grande numero de jornaes parisienses, entre os quaes se contam o *Figaro* e o *Événement*.

No *Gaulois* defendeu sempre, com bastante vigor e grande talento, a monarchia e a religião, pondo ao serviço da sua causa todos os recursos d'um espirito vigoroso e fino, a firmeza e a coragem d'um nobilissimo caracter.

Escreveu sobre todos os assumptos: politicos, litterarios, artisticos e mundanos. A sua facilidade de trabalho era enorme; a sua memoria prodigiosa; o seu conhecimento dos homens, profundos.

Como romancista, foi muito notavel. A Academia Franceza coroou um dos seus romances, intitulado *Trop-belle*.

MATHILDE

Polka, por E. Salarich

A musica que hoje damos é uma bonita composição do sr. Salarich, artista hespanhol, que foi por muito tempo ensaiador de zarzuelas e operas comicas, no theatro da Trindade.

E' assaz conhecido o seu merecimento, e não necessita de que lh'o exaltemos aqui.

MODAS

Damos hoje os figurinos de quatro bonitos chapéus, cuja descripção é a seguinte:

1.º—Barrete em panno branco, para menina de 6 a 12 annos, ornado a um lado com duas pennas faca.

2.º—Chapéu mosqueteiro, de feltro, com a aba guarnecida de pellucia e galão doirado. Parte da copa uma pluma de abestruz, que vem cair sobre a aba, tendo ao lado um *bouquet* de pennas faca.

3.º—Chapéu-capota, atado com fita de velludo preto, enfeitado na frente com um concheado de renda, e um pouco ao lado com um molho de rosas e folhagens.

4.º—Chapéu redondo, para menina, de castor alvadio; guarnece a copa uma fita *jarretière*, tendo na frente uma *demi cocarde*, de fita, d'onde sae um molho de pennas faca.

FERNANDO CASTIÇO

Finou-se ha dias em Braga este distincto escriptor.

A sua morte não foi para nós uma surpresa, pois que Fernando Castiço estava desde ha muito irremediavelmente condemnado por uma doença minaz e fatal, que cortára todas as esperanças á sua familia e aos seus amigos.

Ha cerca de dois ou tres annos fôra elle operado de uma fistula e depois d'isso parecia ter recobrado mais vigor. Vimol-o em Lisboa e o seu aspecto era excellente. Castiço sentia-se satisfeito e nada denunciava que, sob aquella apparencia de saude, o andava minando uma affecção cancerosa. Soffreu muito e a morte pode dizer-se que foi um allivio ao seu martyrio.

Fernando Castiço fôra muito novo para o Brazil, onde se entregou á vida commercial, consagrando ao estudo e ao cultivo das letras todos os momentos que podia furtar ás suas arduas tarefas mercantis. Na imprensa do Rio de Janeiro experimentou o seu pulso vigoroso, e a colonia portugueza considerava-o como um dos seus mais illustrados representantes.

De regresso a Portugal, continuou a dedicar-se ae jornalismo e á litteratura, publicando numerosos artigos politicos e litterarios. Por occasião da celebração do centenario do Bom Jesus do Monte, deu a lume uma interessante memoria historica e descriptiva d'aquelle sanctuario.

Fernando Castiço sustentava frequentes e numerosas relações com alguns dos nos nossos homens de letras, e a sua conversação era sempre agradavel, reveiando muita erudição.

O fallecido possuia na sua residencia, em Braga, uma excelente livraria, onde, a par de exemplares raros e estimados, existem collecções notaveis, como por exemplo a que se refere á revolução de 1640.

EXECUÇÃO DO IMPERADOR MAXIMILIANO E DOS GENERAES MÉJIA E MIRAMON

Já em tempos aqui publicámos um artigo, descrevendo, com todos os seus horribes pormenores, a execução do malogrado imperador do Mexico e dos seus dois companheiros d'infortunio, os generaes Méjia e Miramon.

Na flôr da vida, sendo archiduque d'Austria, casado por amor com a princeza Carlota, filha do rei Leopoldo da Belgica, e habitando o seu bello *château* de Miramar, proximo de Trieste, Maximiliano acceitou, em abril de 1864, a corôa imperial do Mexico, que lhe foi offerecida.

Em junho d'aquelle anno foi tomar posse dos seus estados. Durante um reinado de tres annos, pro-urou reformar a administração e desenvolver os recursos do paiz.

Em 5 de fevereiro de 1867, Maximiliano partio para Queretario, no intuito de defender esta cidade contra o general republicano, Escobedo. Entregue a este pelo coronel Lopez, a 15 de maio, foi julgado e condemnado á morte por um conselho de guerra, e fuzilado em Queretario, por ordem do general Juarez, a 19 de junho, com os generaes Miramon e Méjia, seus partidarios dedicadissimos.

A nossa gravura representa a execução dos tres infelizes, e é extrahida da *Historia de França*, de Henri Martin, que Pinheiro Chagas traduziu brilhantemente.



MODAS

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas telegrammas

(A Matheus Junior)

- Vba é idolo?
- uata é insecto?
- Habena é insecto?
- Opada é animal?
- Galva é medida?

Charada problematica

(Ao Petit Diable)

3 | 5 × 2 + 2 - 9 + 1 junto ao captivo, meu Deus! Que desconsideração!

Charada-mappa

19	19	19	Templo
19	19	19	Cidade
19	19	19	Planta
Planta	Cidade	Templo	

Arneiroz.

J. L. PERPRTUA.

Charada em triangulo

.

Situada no pélagio profundo,
 a quem és dirigida causas damno.
 Pode ser um legado maternal,
 no centro, é bem verdade, d'este mundo.
 E' mulher!... E' mulher!... Foi immortal,
 Se já tem praticado crime insano,
 A' frente d'um exercito facundo!

Porto.

M. M. & M.

Problema

Certo individuo tem fechado nas mãos um certo numero de libras; passando uma da direita para a esquerda, ficam ambas com equal numero d'ellas; e passando duas da esquerda para a direita, ficam n'esta o dobro das da esquerda. Quantas libras tinha em cada mão?

P. S.

Decifrações

DAS CHARADAS: — Varatejo. — Cabrito. — Avelino. — Crépe. — Lisboa. — Do ninó. — Lisboa. — Sapato.
 DOS LOGOGRIPOS: — Almeida. — Sympathica amizade.
 DO ENIGMA: — Amaro. — Ramos.

A RIR

Um sujeito consulta um amigo sobre o seguinte caso:
 —F. prometteu dar-me um pontapé quando me encontrasse.
 O'que hei de eu fazer?
 —Eu te digo: se te encontrar em qualquer sitio onde haja cadeiras, assenta-te logo n'uma d'ellas, assim que o vires. Se te encontrar na rua, assenta-te no chão.

N'um posto medico:
 O doente—Doutor, apanhei um defluxo enorme: o que hei de tomar?
 O doutor (depois de um momento de reflexão)—Um lenço.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA OS GOLPES E CONTUSÕES

Recommendamos ás mães que tenham sempre preparada a seguinte mistura, que é efficacissima:—Tintura d'opio, 10 grammas; alumen, 2 grammas; agua distillada, 200 grammas; tintura de benjoi, 30 grammas. Junte-se tudo e ponha-se em compressas sobre o sitio ferido.

Esta mistura é preferivel, pelos seus effeitos, á tintura d'arnica.

D. BEATRIZ DE PORTUGAL

II

(Continuado do numero antecedente)

Em 1867 publicava Camillo Castello Branco o livro intitulado *Cousas leves e pesadas*, e ahi, em nota a pagina 17, escrevia o seguinte:

«O meu parecer é que Bernardim, tambem Bernaldim Ribeiro, ou Bernardim Reinardino Ribeiro, Como Faria e Sousa o chama, nem foi governador de S. Jorge da Mina, nem amou a infanta D. Beatriz, nem sahio da sua terra, para Lisboa, senão depois que ella já tinha sahido de Lisboa para Saboya. Corre-me obrigação de pôr as clausulas d'este meu juizo, tão encontrado com o de doutos investigadores. Fal-o-hei em pouco, porque não cabe n'este genero de escriptos grande cavar em terra d'onde o que sahe, para o commum dos leitores, é pedregulho.

«Em primeiro, tenho como provavel que Bernardim Ribeiro, sob o pseudonymo de Jano, falla de si na ecloga 2.^a Ahi diz elle:

- «Quando as fomes grandes foram,
- «Que Alemtejo foi perdido,
- «Da aldéa que chamam Torrão
- «Foi este pastor fugido:
- «Levava um pouco de gado, etc.

«E continúa:

- «Toda a terra foi perdida;
- «No campo do Tejo só
- «Achava o gado guarida.
- «Ver Alemtejo era um dó;
- «E Jano para salvar
- «O gado que lhe ficou,
- «Foi esta terra buscar, etc.

«Temos, pois, o poeta allegorico do Torrão—naturalidade que todos os biographos unanimemente dão a Bernardim Ribeiro—em Lisboa no anno das grandes fomes, que foi em 1522. «Ora D. Beatriz, em 5 de agosto de 1521, tinha sahido para Saboya.

«Nenhum biographo até agora assignou o anno do nascimento ou da morte de Bernardim Ribeiro. Póde, se o meu modo de decifrar a ecloga é plausivel, marcar-se-lhe o anno do nascimento em 1500, ou 1501 mais exacto, porque o pastor, n'outro ponto da mesma ecloga 2.^a, diz:

- «Agora hei vinte e um annos,
- «E nunca inda té agora
- «Me acorda de sentir damnos... etc.

«Quanto ao governo de S. Jorge, capitania-mór das armadas da India e commenda de Villa Gova, é tudo isso um equivoco

«do author da *Bibliotheca Lusitana*, com o qual se bandeou a boa «fé de escriptores de grande porte. O Bernardim Ribeiro, governador de S. Jorge da Mina, assistiu em 1526 ao cerco de Mazagão, d'onde sahiu abrasado d'uma explosão de polvora. (Veja a «*Chronica de D. Sebastião* por D. Manuel de Menezes).»

Innocencio Francisco da Silva, no tomo VIII do *Dicionario bibliographico*, pag. 379, não acceitára como definitivos os reparos de Camillo Castello Branco e appellára para investigações ultteriores.

No vol. X das *Noites de insomnia*, Camillo Castello Branco voltou ao assumpto, dizendo:

«Ulteriores investigações que fiz em cartapacios genealogicos e coevos, levaram-me da certeza á evidencia de que Bernardim Ribeiro, o poeta, não era Bernardim Ribeiro Pacheco, o commendador de Villa Cova da ordem de Christo e capitão-mór das naus da India, casado com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manuel de Menezes, nem ainda o cutro Bernardim Ribeiro, governador de S. Jorge.»

Camillo estuda em seguida a genealogia dos tres Bernardins, que andam fundidos no auctor da *Menina e moça*.

O sr. Theophilo Braga publicou em 1872 o volume dedicado, na sua *Historia Litteraria de Portugal*, a Bernardim Ribeiro.

Ahi, procurando reconstruir a biographia do poeta pela interpretação critica das suas obras, sustenta que Bernardim Ribeiro viera do Torrão para Lisboa em 1496, quando tinha vinte e um annos, (Elogio II) o que permite fixar a epocha do seu nascimento em 1475.

Parece ao sr. Theophilo Braga que já o poeta teria tido em 1496 o primeiro amor, inspirado por D. Maria Gonçalves Coresma, que casára com um viuvo do Alemtejo, chamado Alvaro Mendes Casco.

Suppõe que D. Maria Coresma seja a *Cruelsia*, da *Menina e moça*, abandonada pelo poeta, a quem *Aonia* enfeitiçára com a sua belleza.

E explica por esta situação moral, em que Bernardim Ribeiro se encontrava, o vilancete que Boutler Weck publicou na sua *Historia da litteratura portugueza* e que vem reproduzido na edição das obras do poeta, feita em 1852 pela *Bibliotheca portugueza*:

Não sou casado, senhora
Pois inda que dei a mão
Não casei o coração.

Antes que vos conhecesse
Sem errar contra vós nada,
Uma só mão fiz casada,
Sem que mais n'isso melesse.
L'ou-lhe que ella se perdesse,
Solteiros os versos são,
Os olhos, e o coração.

Dizem que o bom casamento
Se hade fazer por vontade,
Eu a vós a liberdade
Vos dei, e o pensamento.
N'isto não me achei contento
Que se a outra dei a mão,
Dei a vós o coração.

Como, senhora, vos vi,
Sem palavras de presente
Na alma vos recebi,
Unde estareis para sempre.
Não, dei palavra somente
Não fiz mais que dar a mão,
Guardai vós o coração.

Casei me com meu cuidado
E com vosso desejar,
Senhora, não sou casado,
Não me queiraes acultar.
Que servir-vos, e amar
Me nasceu do coração
Que tendes em vossa mão.

O casar não faz mudança
Em meu antigo cuidado,
Nem me negou esperança
Do galardão esperado:
Não me engeiteis por casado,
Que se a outra dei a mão,
Dei a vós o coração.

Francamente, a interpretação que o sr. Theophilo Braga deu a este vilancete, parece-nos muito forçada.

A affirmação do poeta, na hypothese de que o vilancete seja realmente seu, é tão cathgorica:

Não me engeiteis por casado,
Que se a outra dei a mão,
Dei a vós o coração,

que não se acceita sem certa repugnancia a explicação de que elle se referia apenas ao galanteio que tivera com D. Maria Coresma, solteira ou casada, mas a quem, em todo caso, não havia dado a mão de esposo.

Este ponto julgamol-o ainda escuretado de grandes dúvidas.

Mas, como quer que seja, o sr. Theophilo Braga, occupando-se dos segundos amores do poeta com a *Aonia da Menina e moça*, suppõe que *Aonia* é o anagramma de Joanna, e que esta dama é D. Joanna de Vilhena, prima d'el-rei D. Manoel, e filha de D. Alvaro de Portugal, a qual viera para a corte no tempo do casamento da princeza D. Izabel (Beliz) com o principe D. Alfonso em 1491.

D. Joanna de Vilhena casou em 2 de fevereiro de 1516 com D. Francisco de Portugal, primeiro conde de Vimioso, um dos poetas do *Cancioneiro* de Garcia de Rezende.

Este casamento é a *catastrophé* que ensombra a vida do poeta. Na *Menina e moça*, *Bimnarder*, anagramma de Bernardim, sabendo do casamento de *Aonia* «se foi, e não no viram mais.»

Francisco Antonio Varnhagen, que morreu visconde de Porto Seguro, publicou um livro, que precedeu o do sr. Theophilo Braga, pois que a elle se refere desfavoravelmente (pag. 107), e que se intitula *Da litteratura dos livros de cavallaria* (Vienna, 1872).

Varnhagen, que em todo caso tem por si a precedencia, interpretou do seguinte modo os anagrammas da *Menina e moça*:

Aonia por Joana.
Arima por Maria.
Avalor por Alvaro.
Belisa por Isabel.
Bostia por Lisboa.
Cruelsia por Lucrecia.
Donnifer por Fernando.
Enis por Ines.
Fartesia por Tiséfara (?).
Godico por Diogno.
Jenao por Jane.
Lamberteu por Bartelmeu.
Loribaina por Briolanja.
Narbindel por Bernaldin.
Olania por Anjola (?).
Romabisa por Ambrosia.
Tasbião por Bastião.
Zicelia por Cezilia.

Lamentor, modificação de *Lamendor*, por Manoel.

O sr. Theophilo Braga interpreta *Narbindel* por Bernaldin, e *Olania* por Oriana. Eis os pontos de divergencia entre as duas interpretações.

Varnhagen commenta:

«Seja como fôr: o certo é que, decifrados os anagrammas, apparece *Bimnarder* apaixonado de certa Joanna, irmã de Isabel, mulher de *Lamentor*. Ora, se admitirmos que este fosse el-rei D. Manoel, resultariam os amores de Bernardim, não com a filha d'este rei, mas sim com sua cunhada D. Joanna, a mãe de Carlos V, mulher de Philippe o Bello, e filha (como a rainha D. Isabel sua irmã) dos reis catholicos Isabel e Fernando. Em tal caso o mesmo Philippe corresponderia ao *Fileno* e *Orphileo* (marido da *Aonia* da novella) etc.»

Não acha natural Varnhagen que Bernardim Ribeiro se apaixonasse por D. Beatriz, que nascera em 1504, e a cantasse, quando ella era menina de menos de doze annos, no *Cancioneiro* de Rezende, que sahiu impresso em 1516.

Mas a verdade é que na *Menina e moça* se diz que—«a senhora *Aonia* ainda então era donzella d'antre treze ou quatorze annos» e que *menina e moça* a levaram de casa de seu pai para longes terras.

Entende tambem o sr. Theophilo Braga que os dizeres com que abre a *Menina e moça* não se podem referir á infanta D. Beatriz, que contava dezeseis annos, quando foi levada para Saboya.

Como se vê, a opinião dominante nos ultimos quinze annos é contraria á lenda dos amores de Bernardim Ribeiro com a infanta D. Beatriz.

O sr. Theophilo Braga explica a formação da lenda pelo supposto facto de ter o poeta amado uma dama altamente collocada na corte, parenta de el-rei D. Manoel, D. Joanna de Vilhena; pela prohibição, no *Index* de 1581, da novella *Menina e moça* e pela coincidência de Bernardim Ribeiro ter sahido de Portugal quando a infanta, em 1521, partiu para Saboya.

A lenda, recolhida no seculo XVI por Faria e Sousa, resuscitára com o romantismo pela revivescencia das lendas nacionaes.

Acha o sr. Theophilo Braga que a idade do poeta e a da infanta, em 1521, eram incompativeis entre si e a tresloucada paixão que a lenda attribuia a um homem de quarenta e seis annos por uma donzellinha de dezeseite. Acha outrosim que a ingenita altivez do character de D. Beatriz não lhe permitiria descer até ac

ceitar o galanteio de um trovador, de mais a mais amadurecido em annos.

No amor não ha incompatibilidades possiveis. Na historia de Portugal abundam estes desacertos de idade e de condição em assumptos amorosos.

A nós não nos repugna o facto de Bernardim Ribeiro, um poeta, se ter apaixonado por uma dama da cõrte, que todavia, como diremos, não supomos fosse a infanta, não obstante a desproporção das idades.

Mas, se D. Beatriz foi a inspiradora da paixão do poeta, o que podemos provar com documentos historicos é que ella o esqueceu em Saboya, se algum dia o amou ou se soube que foi amada por elle.

Não é natural que D. Beatriz, tão maguada como o codice publicado por Herculano no-a pinta, se absorvesse tão profundamente, e tão estranha ao seu proprio passado, nos deveres de esposa e princeza, como realmente acontecera em Saboya, e como vamos mostrar.

E' verdade que a lenda romantica conta que a duqueza de Saboya, reconhecendo o poeta no disfarce de mendigo á porta de um templo, lhe dissera, dando-lhe esmola:—«Já lá vai o tempo dos antigos galanteios.»

Mas tão empenhada a vamos encontrar nos negocios politicos e domesticos da cõrte de Saboya, tão despreocupada de recordações amorosas, tão adaptada moralmente ao meio em que se encontrava, que estamos convencidos de que, se Bernardim Ribeiro a amou, não foi correspondido ou só ephemeneamente o foi, o que não seria natural n'uma princeza educada nos serões galantes do Paço da Ribeira, sabendo-se amada por um poeta, e vivendo sacrificada na companhia de um marido, que não era poeta, e cujo desgraçoso feitio as chronicas memoram.

Se, como quer o sr. Theophilo Braga, a *Aonia da Menina e moça* é D. Joanna de Vilhena, primeira condessa de Vimioso, a *Condessa Santa*, completo foi o seu esquecimento do amor que inspirara ao poeta.

«Emquanto viveu o conde, escreve o padre Francisco da Fonseca na *Evora gloriosa*, o imitou, e acompanhou em todas as obras virtuosas, attendendo cuidadosamente á educação de seus filhos, e ao prudente governo da sua familia, e casa, que debaixo da sua direcção era convento com apparencias de palacio. Era inimicissima do ocio, e por isso assim ella, com todas as suas criadas, se occupavam continuamente nos exercicios proprios do seu estado, umas cosiam, outras fiavam, outras faziam rendas ou fios para curar os necessitados. O mesmo usava com as senhoras, que a vinham visitar, dando a cada uma d'ellas algum trabalhinho, com que se entreter; e entretanto, ou lhe lia algum capitulo dos documentos, que o conde tinha composto, e lhe contava algum exemplo, ou historia santa, com que adoçar o trabalho; o que fazia com tanta graça, que assim sua irmã D. Brites, duqueza de Coimbra e Aveiro, com todas as mais senhoras continuavam e frequentavam com gosto a escola de D. Joanna. Morto o conde, se deu totalmente a Deus, e abraçando a terceira ordem de Santo Agostinho, fez uma vida verdadeiramente de santa. Remendava por suas proprias mãos os habitos dos frades, e lhes fazia o comer, quando estavam enfermos, amando-os e consolando-os a todos, como se fossem seus filhos: o mesmo praticava com as religiosas de Santa Catharina, e porque viu as lagrimas e suspiros da pobreza eborense por causa da falta que lhe fazia a morte de seu querido es-

poso, tomou muito a sua conta enxugar-lhe as lagrimas com opportuno remedio: escolheu para capellães e esmoleres a dous sacerdotes exemplares, em cuja companhia ia todos os dias visitar os enfermos da sua parochia: seguiam-n'a dous escravos, carregados de tudo aquillo de que podiam necessitar os enfermos, e ella por si mesma lhe repartia todos os mimos e os regalos: com estas, e outras muitas santas obras, continuou a nossa condessa a sua exemplarissima vida até os 24 de julho de 1559 em que Deus a chamou para a gloria.»

(Continúa)

ALBERTO PIMENTEL.



FERNANDO CASTIÇO



EXECUÇÃO DO IMPERADOR MAXIMILIANO E DOS GENERAES MÉJIA E MIRAMON

(Specimen das gravuras da «Historia de França» por Henry Martin)